



Esta obra está sob o direito de Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DO SER CRÍTICO-REFLEXIVO: EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

Orlando de Barros Pimentel Neto¹

Thamara Alexandre Ferreira²

Alex das Chagas Rosa³

Jonas dos Santos Lima⁴

Maria Lúcia Pereira Silva Lima⁵

RESUMO

O presente trabalho é fruto das discussões reflexivas das práticas vivenciadas e analisadas durante o Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos – EJA, por meio da nossa vivência e o conhecimento teórico na área, objetivamos apontar a dualidade entre o ensino ideal e o ensino real ministrado na EJA, com enfoque nos processos metodológicos de ensino que vise a construção da autonomia e criticidade do aluno. Ora, como é possível alfabetizar Jovens e Adultos visando o seu desenvolvimento crítico, sua autonomia, flexibilidade e a consciência individual e coletiva para atuar na sociedade? Quais fatores permeiam a EJA que a distancia do ideal de educação? Partindo desses questionamentos, buscamos investigar tais prerrogativas evidenciando o ensino pautado na construção do ser crítico-reflexivo, servindo de base para uma análise reflexiva do fazer pedagógico por parte dos docentes atuantes na EJA. Para o desenvolvimento deste artigo, utilizamos a pesquisa exploratória e a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, a partir das contribuições de Paulo Freire (1974), Miguel Arroyo (2005), Anísio Teixeira (1968), Alessandra Nicodemos (2013), entre outros. Ademais utilizamos em nossa pesquisa documentos regulatórios da educação como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (2000) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013). Concluímos que o ensino na EJA carece de uma prática educativa pautada na dialogicidade visando a indagação, questionamento e inserção de pautas sociais nos conteúdos e que para alcançarmos o ensino ideal muito há de ser feito, necessita haver a efetivação das políticas públicas para a EJA, a qualificação docente, a seleção adequada dos profissionais para atuar nessa modalidade, currículos adaptados e metodologias significativas.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Ensino. Criticidade.

¹ E-mail: netobarros2001@gmail.com

² E-mail: alexandrethamara0@gmail.com

³ E-mail: prof.alex.chagas@frm.edu

⁴ E-mail: jonaslima183@gmail.com

⁵ E-mail: luciapereira.naty@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma análise vivenciada durante o estágio supervisionado na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, onde evidenciamos uma significativa dualidade entre o ensino ideal preconizado nas leis regentes, ademais as contribuições de estudiosos sobre a temática, visando atender as especificidades desta modalidade; e o ensino real marcado pela falta de adaptação dos currículos, infantilização do ensino, falta de integração entre as disciplinas, falta de capacitação docente e metodologias defasadas. Ora, como é possível alfabetizar Jovens e Adultos visando o seu desenvolvimento crítico, sua autonomia, flexibilidade e a consciência individual e coletiva para atuar na sociedade? Por que o ensino na EJA se encontra longe do ideal?

Partindo desses questionamentos, objetivamos investigar tais prerrogativas apontando para a dualidade entre o ensino ideal e o ensino real ministrado na EJA, com enfoque nos processos metodológicos de ensino que vise a construção da autonomia e criticidade do aluno, servindo de base para uma análise reflexiva do fazer pedagógico por parte dos docentes atuantes na EJA. Tendo em vista que o aprendizado ocorre através da troca de informações,

desenvolvemos nosso estudo, com a intenção de contribuir para uma ação docente consciente, planejada, dotada de intencionalidade pedagógica visando a melhoria da qualidade do ensino ofertado.

O local de nosso estudo é a Escola Municipal de Educação Básica Vereador Manoel Soares de Melo localizada em Penedo - Alagoas onde é ofertada a modalidade de educação de Jovens e Adultos, onde permanecemos por 80 horas durante nosso Estágio Supervisionado, tivemos um contato caloroso e fraterno com o público da EJA em duas turmas de alfabetização, onde desenvolvemos vários trabalhos e atividades, além da etapa observacional da atuação da docente titular, com foco na metodologia utilizada, nos conteúdos ministrados e na relação professor-aluno-instituição.

Dentre os sujeitos participantes que serviram de base para nossa pesquisa, destacamos o nosso professor orientador das práticas de estágio e titular da disciplina de Educação de Jovens e Adultos no Curso de Pedagogia da Faculdade Raimundo Marinho, pelas ações que proporcionaram a ampliação do conhecimento nesta área; por sua vez, destacamos também os estudantes da Escola Municipal Vereador Manoel Soares de Melo onde realizamos o estágio,

completando nossa lista de colaboradores destacamos também as docentes responsáveis por estas turmas, que nos ajudaram e fortaleceram duplamente, seja na construção do nosso relatório de estágio, como também na construção deste trabalho acadêmico.

Nesta perspectiva esse artigo científico está organizado em sete tópicos principais. Após a introdução, iniciaremos com uma breve análise sobre o histórico da EJA e o seu contexto na atualidade, em seguida, abordaremos uma análise sobre as experiências vivenciadas na EJA, com enfoque nas propostas metodológicas direcionadas para a construção do ser crítico-reflexivo, onde detalharemos os métodos utilizados na pesquisa, os resultados obtidos com a pesquisa e fecharemos com as considerações finais.

Para o desenvolvimento deste artigo, utilizamos a pesquisa exploratória e bibliográfica com abordagem qualitativa, amparada na análise e reflexão dos desafios enfrentados na EJA e no ideal de ensino pautado na construção da criticidade do indivíduo a partir das contribuições de Paulo Freire (1974), Miguel Arroyo (2005), Anísio Teixeira (1968), Alessandra Nicodemos (2013), entre outros. Acreditamos que informação e

conhecimento é a chave da transformação da sociedade, diante disso, objetivamos contribuir de maneira significativa na melhoria da qualidade do ensino ministrado na EJA.

1. UMA BREVE ANÁLISE SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A EJA defendida pelos educadores que militam na área, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 segue em direção, “[...] àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.” Ela existe, pois é direito dos cidadãos, assim como diz a LDB em seu artigo 37, inciso 1º: “Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas [...]”. Mas a EJA não iniciou-se com a LDB, pois a educação básica de adultos começou a ter seu lugar na história da Educação no Brasil a partir do início do século XX, embora existam registros de ações para o público adulto no Brasil Colônia. Para compreendermos melhor a história da EJA no Brasil, faremos uma breve análise perpassando pelos períodos de governos no Brasil.

Conforme Strelhow (2010) no Brasil Colônia, o cunho educativo estava voltado para a catequização e alfabetização dos índios pelos jesuítas. Com a saída dos Jesuítas do Brasil em 1759, o império tornou-se responsável pela organização da educação. Durante as aulas régias, a população negra, indígena, homens e mulheres pobres eram excluídos do processo educacional e tinha acesso especificamente os filhos dos colonizadores portugueses, ou seja, apenas a elite é que tinha acesso à educação. E a partir do Ato Constitucional (1834), as províncias eram responsáveis pela instrução primária e secundária de todos, mas foi designada especialmente para jovens e adultos. A Educação de Jovens e Adultos não era um direito, mas sim um ato de caridade das pessoas letradas, ou seja, tinha um caráter missionário e caridoso.

No começo do século XX, houve a preocupação em erradicar o analfabetismo. Com a criação da Liga Brasileira contra o Analfabetismo criada em 1915, com o intuito de fortalecer a grandeza das instituições republicanas contra a ignorância, havia a preocupação de alfabetizá-los para que contribuíssem para o desenvolvimento no país. O descaso com a educação levou o Brasil a taxa de 72% de

analfabetismo em 1920. Com a criação do Plano Nacional de Educação – PNE (1934) houve a inclusão do ensino primário integral obrigatório e gratuito as pessoas adultas.

A partir da década de 1940 e 1950 houve marcos que contribuíram para o avanço da Educação de Jovens e Adultos, houve a criação do INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) em 1938. Foi fundando em 1942 o Fundo Nacional do Ensino Primário e em 1946 surge a Lei Orgânica do Ensino Primário que previa o ensino supletivo. A criação da ONU (Organização das Nações Unidas) e da UNESCO (Órgão das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), após o fim da segunda guerra mundial em 1945. Em 1952, foi criada a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), para atender as populações que viviam no meio rural.

No período militar de 1964 no Brasil, houve a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) um grande passo rumo ao desenvolvimento de ações socioeducativas voltadas para o público adulto, com o objetivo de alfabetizar funcionalmente e promover uma educação continuada, porém com esse programa a alfabetização ficou restrita a aquisição da habilidade de ler e escrever,

sem haver a compreensão contextualizada e significativa do ensino, o Mobral foi extinto em 1985, com a chegada da Nova República. Posteriormente os municípios passam a assumir a função da educação de jovens e adultos como estabelece a Lei de Diretrizes e Bases (1996) – Artigo 5º, § 1º, inciso I – “Compete aos Estados e Municípios em regime de colaboração, e com a assistência da União: recensear a população em idade escolar para o ensino fundamental, e os jovens e adultos que a ele não tiveram acesso.”

Com a chegada da Constituição de 1988, é garantido o acesso à educação como direito de todos, sendo reforçada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96 que foi constituída a Educação de Jovens e Adultos como modalidade de ensino através da resolução CNB/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

Dessa forma chegamos à atualidade com um alto percentual de analfabetismo no Brasil contando com 11 milhões de analfabetos de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2020). Para combater as altas taxas de analfabetismo da população de jovens e

adultos, em 2003 foi criado o Programa Brasil Alfabetizado (PBA) desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo, sendo que 90% destes localizam-se na região Nordeste. Esses municípios recebem apoio técnico na implementação das ações do programa, visando garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizando.

2. A DUALIDADE ENTRE O ENSINO IDEAL E O ENSINO REAL: EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

Quando estamos estudando a teoria para uma educação de Jovens e Adultos visando metodologias significativas, currículos adaptados, preparação docente e um estrutura adequada de ensino, idealizamos que o ensino na prática das escolas brasileiras estejam seguindo esse ideal, que possua qualidade e seja significativo ao aluno, valorizando sua reinserção na escola possivelmente motivada pela busca de oportunidades de inserir-se no mercado de trabalho, na aquisição de conhecimento e complementação de seus estudos, na satisfação de ser alfabetizado e letrado ou até em busca de continuar seus estudos

ingressando no ensino superior.

No entanto, na prática evidenciamos que esta modalidade gira em torno de desafios e que há uma desvalorização dessa educação ofertada, o que implica em falta de qualificação para os docentes atuantes, conseqüentemente o despreparo compromete o ensino; currículos desvinculados com as necessidades dos adultos; a falta de material didático específico para as turmas de alfabetização na EJA, ocorrendo de o docente ter que procurar em ferramentas online como sites e mídias sociais, atividades para os alunos correndo o risco dessas atividades estarem desadaptadas para o público da EJA.

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2013) nos informam sobre o currículo dos cursos de Educação de Jovens e Adultos:

Os cursos de EJA devem pautar-se pela flexibilidade, tanto de currículo quanto de tempo e espaço, para que seja:

- I – rompida a simetria com o ensino regular para crianças e adolescentes, de modo a permitir percursos individualizados e conteúdos significativos para os jovens e adultos;
- II – provido suporte e atenção individual às diferentes necessidades dos estudantes no processo de aprendizagem, mediante atividades diversificadas;
- III – valorizada a realização de atividades e vivências socializadoras, culturais,

recreativas e esportivas, geradoras de enriquecimento do percurso formativo dos estudantes;

- IV – desenvolvida a agregação de competências para o trabalho;
- V – promovida a motivação e orientação permanente dos estudantes, visando à maior participação nas aulas e seu melhor aproveitamento e desempenho;
- VI – realizada sistematicamente a formação continuada destinada especificamente aos educadores de jovens e adultos.

Na prática percebemos que os currículos não consideram esses princípios, durante a nossa observação na EJA, analisamos a didática de uma docente que ministrava sua aula para uma turma que estava sendo alfabetizada, muitos dos conteúdos ensinados não tinham a adaptação necessária para os adultos, eles eram pesquisados na internet e passados aos alunos, eventualmente possuindo um caráter infantilizado.

Essa postura apresentada por alguns docentes vai de encontro com o pensamento de Pinto (1993, p. 72) que esclarece “A alfabetização do adulto é um processo distinto do infantil (a não ser assim, cairíamos no erro da infantilização do adulto). Dessa forma, assim como não se pode reduzir o adulto a criança, tampouco reduzir a criança ao adulto”. Cada faixa etária possui especificidades que precisam

ser respeitadas, é preciso levar em consideração as particularidades de cada público no processo de ensino-aprendizagem.

Evidenciamos durante nosso estágio a falta de integração entre as disciplinas, nitidamente nesta turma observada os alunos aprendem português e matemática, ficando as disciplinas de geografia, história e ciências dispensadas do currículo, deixando de ser trabalhadas em razão do curto tempo de aula. No contexto da EJA, um dos fatores que podem interferir no sucesso da aprendizagem é a falta da interdisciplinaridade.

Gadotti (2010, P. 65) relata que “o objetivo fundamental da interdisciplinaridade é experimentar a vivência de uma realidade global, que se inscreve nas experiências cotidianas do aluno, do professor e do povo e que, na escola tradicional, é compartimentada e fragmentada.” Isso resulta numa visão limitada de mundo, na qual o ensino não parte de um todo, apenas de um viés, o que por consequência o aluno aprende o conteúdo de forma isolada, fragmentada, como recortes.

Notamos também que há uma grande carência em atividades culturais. Será que o conceito de cultura, bem como a

identificação e valorização da própria é discutida em sala de aula? Segundo Vóvio (2009, p.84), a cultura está presente: “no modo como se expressam, nos significados que atribuem ao processo de aprendizagem, no modo como percebem a si mesmos e aos outros, nos interesses que possuem, nas questões que afetam sua vida e no modo como se posicionam socialmente, entre outros.” Para a autora, os jovens e adultos produzem culturas, sendo fundamental identificar os valores, conhecimentos e possibilidades que possuem.

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demandam, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizandos assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem (FREIRE, 1996, p. 58).

Para que a alfabetização de jovens e adultos seja consolidada, é necessária uma construção de diálogo e harmonia entre o

educador e seus educandos, interagindo durante todo o processo de alfabetizando, levando o aluno a compreender o que está sendo insinuado, de modo que ele aplique esse conhecimento aprendido na escola em sua vida. É possível trabalhar atividades visando a criticidade nas turmas de alfabetização, temos como exemplo a seleção dos textos que devem ser trabalhados, não apenas visando a aquisição da linguagem oral e escrita, mais também a construção do ser pensante capaz de analisar e refletir sobre o tema proposto na aula, atribuindo uma crítica, um relato, fazendo-os pensar, indagar e questionar sua realidade.

O método ideal de alfabetização utilizado na Educação de Jovens e Adultos, tem como abordagem as palavras geradoras criadas por Paulo Freire que visa alfabetizar o aluno partindo de um contexto macro que seria o estudo das palavras e frases retiradas da realidade dos alunos, para um contexto micro que seria o estudo das sílabas, letras e sons. Assim, o ensino estaria contextualizado dotado de significância, pois partiria do estudo e discussão de palavras, frases e textos do cotidiano do aluno. Infelizmente esse método acabou ficando na idealização de ensino, visto que nas escolas brasileiras que possuem a EJA,

são raras as que trabalham com o método, pois é preciso haver uma formação adequada dos docentes para que tenham o conhecimento necessário para aplicá-los de forma correta.

Paulo Freire em sua obra “Pedagogia do Oprimido” enfoca com maestria o processo de aquisição da consciência crítica e reflexiva do indivíduo. Vejamos:

A intencionalidade transcendental da consciência permite-lhe recuar indefinidamente seus horizontes e, dentro deles, ultrapassar os momentos e as situações, que tentam retê-la e enclausurá-la. Liberta pela força de seu impulso transcendentalizante pode volver reflexivamente sobre tais situações e momentos, para julgá-los e julgar-se. Por isto é capaz de crítica. A reflexividade é a raiz da objetivação. Se a consciência se distancia do mundo e a objetiva, é porque sua intencionalidade transcendental a faz reflexiva. (FREIRE, 1987)

Podemos compreender que o conhecimento é a chave para a transformação da visão e mudança do indivíduo, como o mesmo poderá refletir e criticar sobre o meio e a si mesmo, se não perceber e questionar o mundo a sua volta? Será que os alunos na EJA estão sendo estimulados a pensar nas questões sociais

que os cercam? A criticidade e a reflexividade são pares que se interligam, logo, ao criticar o indivíduo irá pensar reflexivamente nos seus motivos, ideias e práticas relacionadas a tal crítica, o levando a pensar, questionar e transformar seu meio.

A verdadeira reflexão crítica origina-se e dialetiza-se na interioridade da “práxis” constitutiva do mundo humano – é também “práxis”. Distanciando-se de seu mundo vivido, problematizando-o, “descodificando-o” criticamente, no mesmo movimento da consciência o homem se redescobre como sujeito instaurador desse mundo de sua experiência. Testemunhando objetivamente sua história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar crítica-mente, para identificar-se como personagem que se ignorava e é chamada a assumir seu papel (FREIRE, 1987).

Essa reflexão crítica nasce juntamente da prática educativa, para que o indivíduo possa entender seu meio ele deve distanciar-se para ter uma visão geral do ambiente, despertando a consciência e se descobrindo como sujeito ativo no mundo, se entendendo como pessoa atuante na sociedade, sendo protagonista de sua história, decodificando o mundo e

compreendendo o porque das coisas aconteceram. A educação que visa a criticidade constrói sujeitos que pensam por si, que tem opinião própria, não sendo alienado e induzido a pensar como uma massa da sociedade que é manipulável, passiva e manobrável.

O ensino ideal visa problematizar visando a substituição de uma visão ingênua, para uma visão crítica, por meio de questionamentos, possibilitando uma intervenção positiva em sua realidade. Pedro Demo (1997) enfatiza que o “questionamento reconstrutivo com qualidade formal e política é o cerne do processo de pesquisa”, compreendendo que “não é possível sair da condição de objeto (massa de manobra), sem formar consciência crítica desta situação e contestá-la com iniciativa própria, fazendo deste questionamento o caminho de mudança.”

Problematizar deve fazer parte da ação docente, o mesmo deve abordar o tema da aula levando em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, é essencial haver perguntas, para estimular o interesse dos alunos, permitindo a releitura do espaço e de questões sociais, culturais, econômicas presentes na sociedade.

A educação se processa, com efeito, por meio de um ato consciente de readaptação, em que determinada experiência, percebida em suas conexões e relações, habilita o homem a aumentar o seu poder de governo e direção de outras experiências. Tal ato é eminentemente individual, em sua origem e em seu processo. Sucede mesmo que o indivíduo só é verdadeiramente individual quando, nessa reconstrução da experiência, obedece a métodos e planos que lhe são próprios. E sendo a educação o processo pelo qual o pensamento se efetiva e se incorpora à vida, a educação se torna também o processo pelo qual o homem se torna, verdadeiramente, um indivíduo. Na medida em que o homem se torna capaz de reflexão, de pensamento e, conseqüentemente, de reconstrução da própria experiência, nessa medida é ele uma individualidade (TEIXEIRA, 1934).

É natural e intrínseco ao ser humano querer compreender as razões dos vários âmbitos da vida, o processo de reflexão acontece quando paramos e analisamos os fatos, quando falamos em uma educação crítica-reflexiva, nos referimos justamente a função social da escola, pois mais do que ensinar a ler, escrever e calcular, a escola é uma instituição social, composta por pessoas inseridas em uma cultura, num espaço geográfico, em um momento

histórico, marcadas pelo desenvolvimento global, político, tecnológico e econômico. É imprescindível uma educação social que trate do contexto vivenciado, dos anseios da sociedade. De pouco servir a escola, se ela não usar do poder que tem em ser uma agente de transformação das pessoas. Pois, uma educação desconexa ao espaço-tempo-contexto na qual se encontra, é mera utopia.

Sobre a realidade dos docentes presentes na Educação de Jovens e adultos, Paiva (2019) detalha:

Professores quase sempre formados para lidar com crianças acabam “caindo”, no âmbito dos sistemas, em classes de jovens e adultos com pouco ou nenhum apoio ao que devem realizar. [...] Concepções de alfabetização são desafio, ainda, a enfrentar, pela forma como educadores se formaram, crendo que, porque ensinam, os sujeitos aprendem. Saberes e conhecimentos produzidos fora da escola têm pouca chance de serem considerados, sistematicamente negados em situação de aprendizado da leitura e da escrita (PAIVA, 2019).

Paiva descreve com exatidão a realidade de muitos docentes frente a Educação de Jovens e Adultos, no nível de alfabetização percebemos que professores possuindo em sua formação a base voltada

para atuar com crianças, sentem dificuldades para lecionar com jovens e adultos, muitas vezes não possuindo o perfil adequado para atuar nesse segmento, desconhecendo as especificidades existentes nesta modalidade. Excluindo os saberes que os alunos possuem do processo de alfabetização e reproduzindo o ensino ministrado nas turmas de alfabetização para crianças.

O docente precisa estar em um processo constante de qualificação, pois ele deve refletir sobre sua prática e sobre o desenvolvimento dos seus alunos, não é porque ele ensina necessariamente que os alunos aprendem, tendo em vista essa afirmação é de extrema importância que seja realizado um trabalho em equipe contando com a rede de ensino na qual a escola pertence, o coordenador da instituição junto aos professores, ofertando oportunidades de cursos de capacitação, sendo abordado técnicas e métodos de condução da ação docente na Educação de Jovens e Adultos, para que os docentes atuantes possam aperfeiçoar suas práticas, melhorando a qualidade do ensino ministrado.

Na obra “Educação de Jovens e Adultos, trabalho e cidadania, programa de formação de alfabetizadores”

(ASSUMPCÃO, et al., 2014) os autores apresentam os pilares da proposta metodológica para a Alfabetização de Jovens e Adultos – AJA, tais pilares são princípios filosóficos e pedagógicas que devem estar presentes na prática de alfabetização. Dentre as seis propostas metodológicas mostradas pelos autores, está a “construção da identidade: o que sou e o que sei,” essa proposta visa o aluno como ser social, pertencendo a um grupo, que tem um papel na sociedade, que produz cultura e possui conhecimentos e enfatiza o respeito e resgate pelo educador de tais conhecimentos, ou seja, quem é meu aluno? Onde ele está inserido? Quis sua história de vida? Quais habilidades possui? Conhecer o público é o primeiro passo para entender sua realidade e adaptar o ensino a eles, e não, eles ao ensino.

A outra proposta presente no livro de Assumpção, et al. (2014) pertinente destacar é a “educação para libertação. O exercício da ética e dos Direitos Humanos,” essa temática discute o sentido político da educação, na qual o sujeito se liberta da ignorância e do obscurantismo através da educação e torna-se conhecedor de seus direitos e deveres, conceitos de democracia, cidadania e ética devem ser integrados ao fazer pedagógico, levando os alunos a

conhecerem as leis, dando a eles autonomia para que possam lutar pela garantia de seus direitos. Isso ocorre mediante rodas de debate e conversas em sala de aula, com seleção de textos, vídeos, filmes, sites, páginas de informação que vise uma alfabetização crítica e social, dotada de significância e importância para o aluno.

Assim, entendemos que a construção do ser crítico-reflexivo parte do cumprimento da função social da escola, na qual visa o preparo dos alunos para atuar na sociedade de modo autônomo, entendendo-os como importantes para o seu meio, como sujeitos de direitos e deveres que é capaz de questionar, buscar, fomentar seus ideais em prol de um mundo mais justo e igualitário, esse ideal de educação vai de encontro com o pensamento de Freire (1987, p.49) ao dizer que “nosso papel não é falar ao povo sobre nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa.”

Esse processo parte da reflexão conjunta, na medida em que surge concepções e embates, há a necessidade de duvidar e questionar de tais saberes possuídos, levando-os ao processo de pesquisa e leitura para atualizar e acrescentar novos saberes, o que os motiva a busca contínua por informação.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Esse artigo buscou analisar o ensino na EJA com foco no processo de construção de uma educação que vise a criticidade e reflexão do indivíduo. Para tanto utilizamos a abordagem qualitativa que segundo Lakatos e Marconi (2010) se trata de uma pesquisa que tem como proposição, além de analisar e interpretar aspectos mais profundos, expor a complexidade do comportamento humano e ainda fornecer análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamento.

Quanto a pesquisa, foi empregada a pesquisa exploratória que tem como objetivo uma maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser mais flexível, pois interessa considerar o mais variado aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado (GIL, 2002). Compreendemos que esta pesquisa objetiva dar uma explicação geral sobre determinado fato, através da delimitação do estudo, levantamento bibliográfico, observação de fatos, fenômenos e procedimentos metodológicos.

Quanto a estratégia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, partindo do

levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, em consonância à nossa prática vivenciada na Educação de Jovens e Adultos. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Os dados para levantamento da pesquisa, parte da análise das aulas ministradas em duas turmas da Educação de Jovens e Adultos, ao qual observamos durante o estágio supervisionado que eram utilizadas atividades que caracterizava a infantilização do ensino, por não haver a adaptação necessária aos adultos, o descumprimento da matriz curricular caracterizado pela exclusão de algumas disciplinas do currículo.

Como instrumentos para a coleta de dados, utilizamos a observação e a entrevista informal com as docentes, buscando compreender sua formação, história profissional, métodos e estratégias frente a Educação de Jovens e Adultos.

Segundo Gil (1999), a observação “constitui um elemento fundamental para a pesquisa”, pois é a partir dela que é possível delinear as etapas de um estudo: formular um problema, construir a hipótese, definir variáveis, coletar dados e etc. Ou seja, observar não é o simples ato de ver, mas sim de investigar e conhecer o fenômeno. Tais observações objetivavam examinar como se dava o processo educativo na sala de aula com o público da EJA, e como era desenvolvido as ações didáticas e pedagógicas, a fim de identificar a qualidade do ensino-aprendizagem realizado nas turmas observadas.

Durante o período de observação das atividades ministrada pela docente titular da turma, presenciamos atividades que demonstravam a falta de integração entre a realidade do aluno e o conteúdo ministrado, havendo a infantilização do ensino. A seguir, veremos o exemplo e a análise de algumas atividades coletas entre julho de 2022 a setembro de 2022 que evidenciam essa infantilização do ensino na EJA em uma sala de 1º segmento:

Disciplina de Edu. Física com leitura compartilhada: Meu corpo (Imagem 1).

Educação Física: MEU CORPO

Meu pezinho, meu pezinho,
vou tocar, vou tocar,
O meu sapatinho, o meu sapatinho
vou calçar, vou calçar.

Minha mãozinha, minha mãozinha,
vou tocar, vou tocar,
para a luvinha, para a luvinha
eu calçar, eu calçar.

Meu corpinho, meu corpinho,
vou tocar, vou tocar,
para esta camisa (saia, calça, etc.)
eu usar, eu usar.



As crianças irão tocando as partes do corpo, conforme a música indica.

Na letra da música, você encontra vários diminutivos. Escreva-os abaixo.

Pé Mão
 Sapato Luva
 Corpo

Fonte: Lina Coelho, 2019.

Disciplina de língua portuguesa, leitura e interpretação de texto: O coelho Leleco (Imagem 2).

O coelho Leleco
Isabel Cristina Silveira Soares


Leleco é um coelho amigo. Ele leva couve para Joca todo dia.
Cedo, Leleco sai da toca e vai visitar Joca.
Joca recebe Leleco todo feliz. Joca é amigo de Leleco.
Joca dá cenoura a Leleco.

1) Circular no texto as palavras que a professora indicar.
 2) Responda:
 a) Quem são as personagens do texto?

 b) O que Leleco leva para Joca?

 c) O que Joca é de Leleco?

 d) Qual é o título do texto?



Fonte: Isabel Cristina, 2016.

Disciplina de Língua Portuguesa, análise do til (~) com a leitura do texto: Cai, cai, balão (Imagem 3).

1) Observe a letra da música, encontre a palavra "BALÃO" e clique nela.

CAI, CAI, BALÃO
 CAI, CAI, BALÃO
 AQUI NA MINHA MÃO
 NÃO CAI NÃO
 NÃO CAI NÃO
 CAI NA RUA DO SABÃO

2) Observe o nome das figuras e escreva a letra inicial de cada uma nas caixinhas.



SABÃO BALÃO
 MÃO RUA

Fonte: Soescola.com, 2020.

Disciplina de matemática, complemento de quantidades (Imagem 4).

DESENHE PARA COMPLETAR A QUANTIDADE DOS NUMERAIS AO LADO. DEPOIS COPIE OS NOMES.

 11 ONZE

 15 QUINZE

 13 TREZE

Fonte: Roberta Higa, 2019.

Como podemos ver, essas atividades ministradas por uma docente na turma da EJA, são totalmente voltadas para

crianças, pois não consideram a bagagem de conhecimento que os adultos possuem construídos ao longo de suas vidas, desvalorizando assim esse conhecimento ao trabalhar conteúdos de cunho infantil, perguntas simples e rasas, textos que não condizem com a idade do seu aluno, apresentando grande dificuldade em elaborar um material específico para EJA, ficando cômodo utilizar atividades iguais para as crianças em fase de alfabetização no Ensino Fundamental, sem adaptá-las.

Segundo Pinto (1987), “[...] tratar o aluno da EJA como criança é inadequado, pois não considera o adulto como um ser de saberes e ignora seu desenvolvimento e conhecimento”. Os docentes presentes na EJA devem entender que os Jovens e Adultos possuem necessidades diferentes de ensino daqueles ministrados as crianças em fase de alfabetização, pois por serem adultos e possuírem suas vivências, conhecimentos informais e saberes variados, não faz sentido desconsiderar suas bagagens de informações, se pelo contrário, são pessoas que possuem uma gama de conhecimentos que podem e devem ser priorizados.

A entrevista informal é o procedimento que se baseia na conversa entre o pesquisador e o entrevistado. Para

Gil (2007), a entrevista informal é o tipo menos estruturado possível, se distingue de uma conversa simples por ter como objetivo a coleta de dados, visando a obter uma visão geral do problema pesquisado. Realizamos uma entrevista informal, que ocorreu inicialmente com as docentes das duas turmas em que realizamos o estágio, através do diálogo procuramos saber sua qualificação profissional e percebemos que uma delas não possui capacitação atualizada para a área da Educação de Jovens e Adultos. Indo em contradição com as DCN’s da EJA quando diz que:

[...] o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer (BRASIL, 2000, p.56).

Nesse sentido, é imprescindível para uma Educação de Jovens e Adultos efetiva,

a formação e capacitação docente, visto que o professor irá adquirir o conhecimento necessário para adequar sua metodologia de ensino, ampliando seu olhar sobre a EJA, entendendo que as especificidades existentes devem ser consideradas havendo a dissociação de alfabetização paracrianças e adultos, no caso dos anos iniciais do ensino fundamental. A desqualificação limita e compromete a prática pedagógica, logo se o docente não sabe ensinar os adultos da maneira adequada, tais alunos também não conseguirão aprender satisfatoriamente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Partindo da análise de nossos resultados, ficou evidente que o ensino na EJA carece de uma prática educativa pautada na dialogicidade visando a indagação, questionamento e inserção de pautas sociais nos conteúdos, objetivando a construção de um ser crítico-reflexivo. Carece também de um olhar atento e minucioso para o que está sendo realizado dentro de sala, ou seja, o docente deve sempre ter suas ações em sala de aula como processo constante de reflexão para poder adequar sua prática pedagógica, visando alcançar seu objetivo em sala de aula. Se o ensino na Educação de Jovens e Adultos

encontra-se distante do ideal, é consequência de todo um sistema defasado que envolve a rede de ensino, a seleção dos profissionais atuantes na modalidade, a desqualificação docente, na falta de políticas públicas efetivas, entre outros.

Na teoria, as Diretrizes da Educação Básica voltadas a EJA apontam como um de seus objetivos, ressignificar vidas, na prática, nem sempre é o que ocorre. O que muito acontece é uma educação baseada na concepção bancária, que foi duramente criticada por Paulo Freire, caracterizada pela falta de diálogo e problematização, na qual o docente é quem sabe, é ele quem fala e ensina. Quanto ao estudante é considerado um sujeito que não sabe de nada, o receptor da informação que apenas ouve. Porém, o professor não é o único responsável por tal problemática, este é um problema do sistema de ensino que reproduz hierarquicamente os interesses da classe, raça e a cultura (ALLESSI; DIAS, 2020).

Essa dualidade entre teoria e prática na EJA, resulta na evasão da escola, durante nossa conversa com as docentes das turmas observadas, ambas relataram que a evasão são os maiores desafios que encontram, muitos alunos frequentam algumas vezes e desistem, as causas da evasão esta profundamente ligada ao ensino ministrado

no qual caso mostre-se desmotivante em sentido ao aluno, ele certamente não irá mais a escola, ademais a questões como: implicação do cônjuge, cansaço após longas horas de trabalho, mães ou pais que precisam cuidar dos filhos pequenos, falta de motivação, o sentimento de inferioridade, entre outros.

A EJA nomeia os jovens e adultos pela sua realidade social: oprimidos, pobres, sem terra, sem teto, sem horizonte. Pode ser um retrocesso encobrir essa realidade brutal sob nomes mais nossos, de nosso discurso como escolares, como pesquisadores ou formuladores de políticas: repetentes, defasados, analfabetos, discriminados. Esses nomes escolares deixam de fora dimensão de sua condição humana que são fundamentais para as experiências de educação (ARROYO, 2005).

Esse preconceito que permeia esta visão de que por não dominarem a habilidade da leitura e escrita, não sabem de nada, vendo-os com um olhar de discriminação, deve ser descaracterizado, é nítido que o público da EJA são sim vítimas de um processo excludente, mas, são pessoas com uma ampla bagagem de conhecimentos, de histórias e de saberes informais, são pessoas capazes de fazer uma análise da sua realidade. E a relação ensino-

aprendizagem deve pautar-se em uma educação em seu sentido político, por meio de práticas educativas consistentes através de metodologias que vise o aluno como um ser social e cultural, envolvendo sua totalidade, sua relação com o mundo.

Diante a isto, Freire (1972) relata que quanto mais problematizar os educandos, mas eles se sentirão desafiados, sentindo-se obrigados a responder aos desafios. Desafiados, entendem o desafio na própria ação de captá-lo como um problema em suas conexões com o outro, a compreensão resulta na capacidade de tornar-se cada vez mais crítica, assim, desalienada. O simples ato de questionar, de querer entender as razões para as coisas e estar sempre fazendo- os refletir é o cerne da criticidade, pois quando o aluno da EJA começa a pensar e indagar nos porquês, ele passa a ter uma visão de mundo diferenciada.

Nicodemos (2013, p. 14) reconhece a escola que oferta a EJA, como espaços que:

Recebem alunos e alunas pessoas com histórias e experiências de vidas diversificadas: vida profissional, histórico escolar, ritmo de aprendizagem, estrutura de pensamento, origens, etnias, idades, crenças etc. No entanto, a riqueza desse universo, marcado

pela diversidade e pluralidade não é, quase nunca, reconhecida e valorizada no ambiente escolar.

As turmas de EJA, são compostas por pessoas que possuem habilidades e competências em determinadas áreas, são justamente tais domínios que devem ser envolvidos no fazer pedagógico, suponhamos que nesta turma estejam cozinheiras, artesãos, pedreiros, comerciantes, lavradores, entre outros. O docente deve valorizar tais conhecimentos e fazer oficinas em sala de aula, na qual oportunize o aluno estar a frente, ensinando o que ele sabe aos demais, gerando troca de conhecimentos, engrandecimento ao aluno e oportunidades de gerar renda. Essas oficinas devem ser vinculadas ao planejamento e deve visar objetivos, é possível trabalhar com as mais variadas disciplinas através dessas práticas.

Logo, ao se sentir valorizado o aluno certamente irá criar um sentimento de pertencimento a aquele local, irá considerar-se parte de um processo que precisa dele para funcionar, ao contruir uma relação fortalecedora com o docente e os demais da turma, certamente irá ver o processo educativo como algo prazeroso, e quando questionados sobre temas propostos na aula, sentirá à vontade para expor suas opiniões,

anseios e relatos de vidas, criando um vínculo sólido, propensos para debates e discussões.

Havendo a necessidade de capacitar os profissionais da EJA no município de Penedo Alagoas, a Secretaria Municipal de Educação de Penedo, por intermédio da Coordenação da Educação de Jovens e Adultos, promoveu um ciclo de palestras para esses profissionais, tendo como foco a promoção de experiências enriquecedoras e significativas que conseqüentemente irá refletir nos estudantes dessa modalidade. Clésia Moreira, coordenadora da EJA na SEMED Penedo, relata que o ciclo de palestras promove a interação do corpo docente levando-os a uma reflexão pedagógica. Essa iniciativa adotada pelo município de Penedo nos mostra que é imprescindível haver a capacitação docente para haver avanço na qualidade do ensino na EJA.

CONCLUSÃO

Nesse trabalho, buscamos por meio da nossa experiência na Educação de Jovens e Adultos, oportunizada pelo estágio supervisionado, comparar teoria e prática focalizando entender como ocorre o processo de construção do ser crítico-reflexivo com alunos dessa modalidade.

Descobrimos que existe sim uma metodologia, uma “fórmula” pensada por estudiosos para atender esses alunos visando seu desenvolvimento intelectual, o que acontece é que não é posto em prática e não há políticas públicas que priorize essa modalidade de ensino.

Ao analisarmos o ensino na Educação de Jovens e Adultos e a complexidade das problemáticas que envolvem essa modalidade, percebemos que os desafios ainda são amplos e precisam de uma atenção urgente para que se consiga erradicar o analfabetismo, trazer os alunos para a EJA com um ensino de qualidade que vise atender as necessidades e respeite as especificidades próprias desse segmento, que respeite e considere o ser na sua condição humana, livre de julgamentos e receios, quebrando a barreira da incompletude e a libertação da ignorância, visando a formação integral do ser humano, sujeito político, cultural e social.

É dever coletivo defender uma construção da EJA de qualidade social, emancipatória e democrática. Em quanto nossas escolas que ofertam a EJA, se prenderem apenas ao domínio do campo educacional, ou seja, se restringindo apenas ao processo formativo, elas estarão imersas numa desordem de relevância, pois a

valorização do conhecimento informal dos alunos é algo indispensável nesta modalidade.

Para alcançarmos o ensino ideal muito há de ser feito, necessita haver a efetivação das políticas públicas para a EJA, a qualificação dos docentes, a seleção adequada dos profissionais para atuar nessa modalidade, a estrutura escolar apropriada, currículos adaptados e metodologias significativas. Partindo da premissa que o conhecimento se propaga com informação, deixamos nossa análise e contribuição para uma Educação de Jovens e Adultos que vise o aluno em sua totalidade e o seu desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

ALESSI, T. D. A; DIAS, M. P. B. **A EJA e a formação de uma consciência crítica e cidadã na perspectiva de Paulo Freire.** Caderno Acadêmico Unina, 2020.

ARROYO, Miguel. **A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão.** In: SECAD; UNESCO. Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005, p. 221-230.

ASSUMPÇÃO, A, L, M. et al. **Educação de Jovens e Adultos, Trabalho e**

Cidadania, programa de formação de alfabetizadores. São Paulo: Editora Espiral, 2014.

ATIVIDADES CAI CAI BALÃO. Só escola, 2020. Disponível em: soescola.com. Acesso em: 19 dez. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Parecer CNE/CEB nº 11/2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** Brasília: maio de 2000.

_____. Decreto nº 10.959, de 8 de fevereiro de 2022. Dispõe sobre o **Programa Brasil Alfabetizado.** Brasília, 2022.

_____. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica.** Brasília, 2013.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei n.9.394/96. Brasília, 1996.

_____. Lei nº 13.005, de 25 de julho de 2014. Aprova o **Plano Nacional de Educação (PNE)** e dá outras providências. Brasília: Diário oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun.

COELHO, Lina. **Atividades de Educação Física.** Blog Educadora Lina, 2016. Disponível em: educadoralina.blogspot.com. Acesso em: 18 dez. 2022.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** 2. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997. FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 7 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

HIGA, Roberta D'Amato. **Atividades de matemática.** Mestre do saber, 2019. Disponível em: mestredosaber.com.br. Acesso em: 19 dez. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Educação: analfabetismo, 2018. Rio de Janeiro, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010

NICODEMOS, Alessandra. **Ensino de História na EJA: o legado da educação popular e os desafios docentes na formação do aluno jovem e adulto trabalhador**. Anais do XVII Simpósio Nacional de História. ANPUH. Natal, 2013.

PAIVA, Jane. **Direito à Educação de Jovens e Adultos: concepções e sentidos**. Educação de Pessoas Jovens e Adultas, n. 18, UERJ.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições sobre a Educação de Adultos**. São Paulo: Cortez, 1987.

SOARES, I. C. S. **O coelho Leleco**. Blog amor ensina, 2016. Disponível em: amorensina.com.br. Acesso em: 19 dez. 2022.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. **Breve análise sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Revista Histedbr online, Campinas, n. 38, p. 49-59, jul. 2010.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução a filosofia da educação: a escola progressiva**

ou a transformação da escola. 5° ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1968.

VINICIUS, Fernando. **Secretária de Educação de Penedo investe na capacitação dos profissionais da EJA**. Prefeitura de Penedo, 2022. Disponível em: penedo.al.gov.br/2022/11/11/secretaria-de-educacao-de-penedo-investe-na-capacitacao-dos-profissionais-da-eja/#. Acesso em: 15 de nov. 2022.

VÓVIO, V.L. **Alfabetização de pessoas jovens e adultos: outras miradas, novos focos de atenção**. In: SAMPAIO, Mariza Narciso; ALMEIDA, Rosilene Souza (Org.) **Práticas de Educação de Jovens e Adultos: Complexidades, Desafios e Propostas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p.65-89.